

Globalização neoliberal – desafio para igrejas e cristãos

Silvio Meincke*

Resumo: A economia de metas ruiu com a queda do muro de Berlim, e os defensores da economia de mercado, eufóricos, dançaram sobre as ruínas. Desde então, os Estados de bem-estar social europeus, construídos durante mais de século pelas lutas dos trabalhadores, estão sendo desmontados passo a passo pelas assim chamadas reformas, enquanto o neoliberalismo se apresenta como verdade única e se globaliza.

Críticos da globalização neoliberal procuram demonstrar que ela concentra riquezas em proporções jamais vistas, despreza o meio ambiente, destrói as expressões culturais autóctones e deixa de cumprir as promessas de equilíbrio social e de redução da pobreza, além de forçar o retrocesso das conquistas mais caras da humanidade, como a democracia, os direitos humanos, as leis de proteção ao trabalho, a solidariedade.

As igrejas, através dos seus organismos internacionais, participam do coro das vozes críticas e conclamam para resistir e buscar alternativas.

Resumen: La economía de las metas royó con la caída del muro de Berlín, y los defensores de la economía de mercado, eufóricos, danzaron sobre las ruinas. Desde entonces, los Estados de bienestar-social europeos, construidos durante más de siglos, por las luchas de los trabajadores, están siendo desmontados, paso a paso, por las así llamadas reformas, mientras que, el neoliberalismo se presenta como verdad única y se globaliza. Críticos de la globalización neoliberal procuran demostrar que ella concentra riquezas en proporciones jamás vistas, desprecia el medio ambiente, destruye las expresiones culturales autóctonas y deja de cumplir las promesas de equilibrio social y de reducción de la pobreza, además de forzar el retroceso de las conquistas más preciadas de la humanidad, como la democracia, los derechos humanos, las leyes de protección al trabajo, la solidaridad. Las iglesias, a través de sus organismos internacionales, participan del coro de las voces críticas y claman simultáneamente para resistir y buscar alternativas.

* P. Silvio Meincke é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e mora atualmente em Schwäbisch Hall, na Alemanha.

Abstract: The economy of goals crashed with the fall of the Berlin Wall, and the defenders of the market economy, euphoric, danced on the ruins. Since then, the European states of social well being, constructed throughout more than a century by the struggles of the workers, are being dismantled step by step by the so-called reforms, while neoliberalism presents itself as the only truth and becomes globalized. Critics of neoliberal globalization seek to show how it concentrates wealth in proportions never before seen, scorns the environment, destroys autochthonous cultural expressions and does not carry out the promises of social balance and reduction of poverty, besides forcing a retrocession in the most precious conquests of humanity such as democracy, human rights, laws of protection of work, solidarity. The churches, through their international organizations, participate in the chorus of critical voices and call out to resist and seek alternatives.

Introdução

“A globalização neoliberal irá varrer os países em desenvolvimento como um vendaval arrasador, e o Brasil está abrindo-lhe portas e janelas. Em cada telha, em cada folha, em cada esquina sibilam os ecos do seu rugido: competição, eficiência, competência, liberdade para o mercado, crescimento, maximização dos lucros, fronteiras abertas para o capital sem pátria, enfim, o neoliberalismo.” Assim escrevi em pequeno comentário no jornal *O Informativo de Teutônia*, em 1990. “Nossos automóveis são carros”, dizia Fernando Collor de Mello, naquela época, para fundamentar a necessidade de abrir as fronteiras nacionais ao livre mercado e importar carros do exterior.

O muro de Berlim fora derrubado, e com ele caíra a economia de metas, planejada e conduzida pelo estado. Os promotores do neoliberalismo festejaram a queda, porque querem o estado enxuto. Não querem que o estado interfira, com leis normativas, nos mecanismos do mercado. Querem que as decisões da organização política, econômica e social sejam determinadas pelo livre mercado com sua dinâmica da oferta e da procura. Eufóricos, proclamaram o fim do processo civilizatório da história humana e o destronamento da política.

O termo globalização encerra, portanto, um significado mais amplo do que apenas o avanço da tecnologia da comunicação e do transporte, que aproxima nações e transcende fronteiras. Pietra Rivoli relata o nascimento e o destino final de uma camiseta, iniciando nas lavouras altamente subvencionadas de algodão no Texas, passando pelas tecelagens em Shanghai, pelas tinturarias na Coreia do Sul, pelas fábricas de confecções na América Central, voltando aos Estados Unidos, primeiro para as serigrafias, depois para as redes do comércio global, que a remetem para algum lugar do mundo, de onde vai parar, finalmente, em um pequeno mercado de roupas usadas na Tansânia. Esse fantástico roteiro da camiseta revela um dos aspectos da globalização, que é a facilidade cada vez maior da comunicação e do transporte. Mas ela irá revelar-nos mais, se nos perguntarmos pelos interesses que movem os empresários do comércio global, quando proporcionam ao algodão do Texas esse cruzeiro pelo mundo.

O comércio global do algodão e derivados explora os pobres e indefesos, dizem os críticos, e obriga as pessoas que não têm outra opção a submeter-se a condições péssimas de trabalho por salários de fome. Além disso, essas fábricas destroem culturas tradicionais e estruturas familiares. Também fragilizam a agricultura autóctone. Resumindo, afirmam os críticos, a enxurra-

da de camisetas baratas é uma vitória do consumidor e do comércio norteamericano, mas uma derrota da humanidade. Os defensores dessa globalização, por outro lado, afirmam que as montanhas de artigos do vestuário baratos vindos da China é prova de que o sistema funciona.¹

Tentarei clarear a relação entre a globalização vista como a universalização das comunicações e a globalização vista como a universalização do neoliberalismo. Vou repercutir algumas vozes críticas à globalização neoliberal e jogar sobre ela um breve enfoque bíblico-teológico. Antes, porém, trago um exemplo para ilustrar dois conceitos antagônicos de desenvolvimento. A ilustração tentará mostrar o que está em jogo quando defensores e críticos se defrontam no debate sobre a globalização ou quando governos decidem por um ou por outro conceito de desenvolvimento, seja o desenvolvimento neoliberal, seja o desenvolvimento sustentável.

Vejo a globalização neoliberal como tema teológico, porque as Sagradas Escrituras nos dão testemunho massivo de que Deus envolve todas as coisas no seu amor. Se Deus é amor, todas as coisas querem ser tanto objetivo quanto instrumento do seu amor. Surge, pois, a pergunta inevitável: a globalização neoliberal está a serviço do amor que Deus revela pela sua criação? Desmond Tuto, bispo anglicano, homenageado com o Prêmio Nobel da Paz em 1984, e que sobreviveu à luta contra o racismo na África do Sul, em seu vibrante depoimento na Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, em Porto Alegre, proclamou: “O abraço amoroso de Deus envolve todos e todas, o forte e o menos forte, o moreno e o loiro, a mulher e a criança, o bonito e o menos bonito, o heterossexual e o homossexual, Bin Laden e George W. Bush”. Não que Deus concorde com tudo que eles fazem ou com tudo que nós fazemos – assim subentendi –, mas porque Ele nos convida para nos abirmos à sua graça, assim que ela nos transforme, e nós possamos, então, transformar o mundo, no rumo da fraternidade. A globalização é instrumento desse amor de Deus que a todos envolve? Ou ela trabalha contra esse amor? Ela intermedia o “abraço amoroso de Deus que abrange todas as suas criaturas”? Ou ela intermedia o desamor?

Entendo a teologia como saber, vivência, palavra, ação carregadas do amor de Deus que atua sobre todas as coisas do mundo; amor que quer agir e concretizar-se, dentro das coisas que nos envolvem, nos atingem e nos dizem respeito no dia-a-dia da vida como, por exemplo, a globalização

1 RIVOLI, Pietra. *The Travels of a T-Shirt in the Global Economy*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2005. p. 117. (tradução própria).

neoliberal. Vejo a teologia como a tentativa de perceber as coisas da terra e do ser humano do ponto de vista do amor de Deus. Por isso, justifico a abordagem da globalização neoliberal em uma revista chamada *Estudos Teológicos*.

1 - Ilustração de dois conceitos

Quando o governo brasileiro anunciou o projeto de transposição de parte das águas do rio São Francisco, o bispo católico Dom Luís Flávio Cáprio entrou em greve de fome. Sua atitude ajuda-nos a distinguir dois conceitos de desenvolvimento:

1.1 - O projeto de irrigação visto a partir do conceito de desenvolvimento neoliberal

Uma vez criadas as condições infra-estruturais pelo Estado – uma vez irrigadas as terras, construídas as estradas, acessada a energia elétrica –, a região vai despertar o interesse de investidores nacionais e internacionais. Eles irão trazer o capital e a tecnologia para alavancar o desenvolvimento. É hora do Estado se retirar para dar liberdade à dinâmica das leis da procura e da oferta do mercado. Surgirão grandes fazendas de gado, lavouras de soja, pomares de frutas. Esses produtos serão exportados e vão gerar divisas para o país. O Brasil, como país em desenvolvimento e dependente, dará mais um passo para a desejada inserção no mercado mundial.

Haverá reportagens sobre o progresso da região. Elas destacarão os altos índices de produtividade e mostrarão as primeiras moradias de luxo. Haverá entrevistas com alguns moradores nativos felizes que encontraram emprego como capatazes, peões, frentistas, motoristas e empregadas domésticas.

O Estado reduzirá os impostos dos investidores, já que seus empreendimentos vão gerar empregos e trazer divisas.

Atenção apenas secundária será dada à inclusão das famílias nativas no projeto de desenvolvimento e à preservação da fauna e da flora típicas da região.

Políticos de convicções neoliberais farão elogios ao projeto, porque para o modelo da economia neoliberal é bom tudo o que promove a liberdade para o indivíduo, para a dinâmica do mercado e para o investimento do capital, porque essa liberdade, prometem, vai gerar crescimento econômico, aumento dos lucros e das riquezas, as quais acabarão beneficiando es-

pontaneamente a todos. Como existe uma sabedoria e uma justiça inerentes à própria dinâmica do mercado – afirmam –, ele irá construir o bem-estar social, motivo pelo qual o Estado apenas deverá criar as condições favoráveis ao mercado, mas não interferir nele, para não “atrapalhá-lo”.

1.2 - O projeto de irrigação visto a partir do conceito de desenvolvimento sustentável

O Estado irá participar de todo o processo de desenvolvimento. Vai, por exemplo, providenciar a documentação das terras que a população nativa ocupa há gerações; vai ajudar os moradores a se organizarem em associações e cooperativas; vai promover cursos de técnica agrícola para qualificar a produção tradicional da região; vai criar canais de acesso ao mercado para os produtos regionais.

A renda das famílias irá aumentar, e a sua qualidade de vida vai elevar-se. As crianças freqüentarão a escola. Surgirão moradias mais confortáveis, ainda que não sejam palácios. As culturas autóctones não serão destruídas pela monocultura. A fauna e a flora nativas serão preservadas. Os valores e a identidade culturais do povo acompanharão o desenvolvimento, mas não serão abalroados ou varridos por ele. Haverá um crescimento econômico coletivo e não o progresso que concentra riquezas, emprega poucos e expulsa muitos para os anéis de miséria das cidades.

Através das iniciativas do Estado será dada atenção prioritária ao bem-estar das pessoas que sempre moraram no lugar e à preservação dos animais e da vegetação típica do lugar.

Defensores da economia sustentável irão elogiar o Estado, porque entendem que um projeto é bom quando prioriza, desde o início, o desenvolvimento da coletividade, com o suprimento das necessidades básicas de toda a população, com a redução do fosso entre ricos e pobres, com a promoção da paz decorrente da justiça social, além da preservação do ambiente natural. Como a dinâmica descontrolada do mercado não promove esses valores – afirmam –, é preciso que o Estado, controlado pelo poder público, crie leis normativas para o desenvolvimento socialmente justo.

2 - Globalização como avanço da comunicação

Quando pronunciamos a palavra globalização, logo se oferecem dois aspectos que chamam a nossa atenção:

2.1 - Globalização como redução de espaço e de tempo:

- através de comunicação cada vez mais rápida, por meio do rádio, da televisão, do telefone, da internet;
- através de possibilidades de viagens cada vez mais rápidas;
- através do desenvolvimento incessante e cada vez mais rápido do transporte de cargas;
- através da transferência eletrônica de grandes somas de capital, seja para investimento, seja para especulação.

2.2 - Globalização como ampliação de acontecimentos locais:

- quando determinada equipe de basquete sagra-se campeã nos EUA, podemos adquirir os bonés com as cores dessa equipe no dia seguinte;
- uma palavra do ministro da fazenda dos EUA pode influenciar as bolsas de valores, no mesmo dia, nos vários lugares do mundo;
- uma chuva de granizo no Brasil pode influenciar os preços da soja na bolsa de grãos da Holanda;
- somas astronômicas de dinheiro podem ser retiradas de um país, por meio do aperto de um botão eletrônico, para serem investidas em outro país, gerando abalos na economia e na estabilidade política dos países atingidos.

Portanto, poderíamos descrever a globalização como fruto do avanço tecnológico dos meios de comunicação e de transporte. Como tal, ela traz a redução do espaço e do tempo, ao mesmo tempo que amplia a repercussão de acontecimentos locais. Assim definida, a globalização não pode ser detida e nem haveria razão para detê-la, porque ela pode trazer vantagens para a humanidade:

- ela cria a possibilidade técnica de intercambiar imediatamente novos conhecimentos de pesquisa, seja na área da medicina, seja na área da agricultura, seja na área da pedagogia;
- ela cria a possibilidade técnica para a troca ecumênica das conquistas culturais e o conseqüente enriquecimento mútuo entre os povos.

Mas a palavra globalização encerra um conteúdo muito maior do que os mencionados aspectos referentes ao avanço da comunicação, como tentarei mostrar a seguir.

3 - Globalização neoliberal da economia

A partir de 1970, o capitalismo adota, passo a passo, a ideologia e a economia neoliberais. A primeira experiência prática foi realizada no Chile, sob a ditadura de Pinochet. Seguiram-na os governos da “dama de ferro” Margaret Thatcher – já não há sociedade, mas apenas indivíduos, foi o seu lema – e de Ronald Reagan, seguidos por Helmut Kohl, da Alemanha. A partir daí, o neoliberalismo acelerou as asas da comunicação globalizada e serviu-se delas para se desenvolver e para organizar-se como programa universal, tanto de países industrializados quanto de países em desenvolvimento. Com a queda do muro de Berlim ruiu o contraponto ao capitalismo, a economia de metas, planejada pelo Estado. O neoliberalismo fez a festa sobre as ruínas e saiu em triunfo. É, na verdade, do neoliberalismo que se quer falar quando se usa a palavra globalização.

Pomotores do neoliberalismo querem a abertura ilimitada e universal dos mercados para além das fronteiras nacionais, ou seja, a globalização do mercado. Querem que o mercado tome as decisões, com a promessa de que ele vai trazer o equilíbrio social. Afirmam que o cultivo do interesse individual promove o desenvolvimento da coletividade. Através da livre concorrência e dentro da dinâmica da oferta e da procura – asseguram – o livre mercado irá trazer benefícios a todas as pessoas. Por isso, querem um Estado enxuto que não interfira na dinâmica do mercado, mas apenas lhe garanta a liberdade e lhe crie as condições estruturais.

Para tornar e manter o Estado enxuto, o neoliberalismo insiste em três princípios:

- a flexibilização das medidas de proteção do trabalho, com a desregulação (flexibilização) das leis trabalhistas e a redução do papel dos sindicatos;
- a liberalização das medidas de proteção dos países, com a desregulação das leis alfandegárias e o livre fluxo de mercadoria e capital;
- a privatização das empresas e da prestação de serviços estatais.

A política neoliberal tem respaldo do Consenso de Washington. John Williamson, do “Institute for International Economics”(Washington), cunhou esse termo, em 1989, para resumir as medidas sugeridas pelos mais influentes economistas dos países industrializados. Eles estavam sugerindo as medidas como reação à disparada da inflação e das dívidas, no decorrer da década de 1980, nos países altamente endividados, como o Brasil e o México, por exemplo. Interpretaram a disparada como fruto da interferên-

cia do Estado na dinâmica do livre mercado. Em conseqüência, exigiram, entre outras medidas: severa disciplina fiscal, mediante diminuição dos gastos públicos (*superavit* primário); reforma tributária; liberação dos juros, das importações e dos investimentos estrangeiros; o câmbio flutuante; amplos programas de privatização; garantias para a iniciativa e a propriedade privada. Em resumo: amplo espaço para a liberdade do mercado.

Independentemente das condições particulares dos diferentes países devedores, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial ordenaram um pacote de reformas para inibir a intervenção do Estado na dinâmica do mercado: abertura do mercado para a concorrência além das fronteiras nacionais, estabilidade macroeconômica e aceleração das privatizações de empresas e serviços públicos (obediente, o governo de Fernando Henrique Cardoso realizou uma verdadeira orgia de privatizações). Essas medidas visavam também o acesso do capital transnacional aos recursos naturais, com a promessa de crescimento acelerado da economia dos países em desenvolvimento. O pacote não incluiu medidas concretas que visassem criação de empregos e distribuição de renda, além de não considerar medidas de proteção ao ambiente natural. O crescimento, assim se esperava e se prometia, viria a beneficiar os pobres num processo de conseqüências em cadeia, o chamado *trickle-down-process*.

Os promotores do neoliberalismo partem da premissa de que todas as pessoas estão nas mesmas condições para progredir, desde que sejam livres e estejam sujeitas às mesmas leis. Então – já imaginava o criador do liberalismo clássico, Adam Smith (1723-1790) –, quando cada um agir conforme seus próprios interesses egoístas, dentro da concorrência de todos contra todos, o mercado, como se acionasse uma grande mão inteligente e invisível, irá trazer o equilíbrio social e beneficiar a todos. Por isso, afirmam os neoliberais, não há necessidade de um planejamento do Estado, muito menos de uma política social que interfira no mercado. A partir dessa sua convicção, podemos entender a crítica de economistas neoliberais quando afirmam que o programa Fome Zero é desperdício de dinheiro.

Na verdade, vivemos em uma sociedade dividida, e a globalização neoliberal só faz aumentar essa divisão. A sociedade em que vivemos não é harmônica, com apenas algumas arestas destoantes a serem aparadas pelo crescimento econômico. Pelo contrário, ela está dividida em seu cerne. Primeiro, existe a divisão entre países extremamente pobres, não obstante, muitas vezes, suas riquezas naturais. E existem os países com avançado conhecimento tecnológico, com grandes reservas de capital, com uma po-

pulação possuidora de recursos materiais e de formação aprimorada. Por isso, a globalização neoliberal terá conseqüências outras sobre a Bolívia do que sobre a Suíça ou a Suécia. Segundo, há uma divisão no interior dos países. Há os empobrecedores, com formação, propriedade, influência política e relações que abrem portas, e há os empobrecidos que não têm nada disso. Por isso, a globalização neoliberal, que louva a competição, a competência individual, a alta produtividade, o consumo e a vitória dos mais rápidos, terá conseqüências outras para a mulher da favela do Cantagalo do que para a esposa do banqueiro da Avenida Paulista.

4 - A globalização e as suas conseqüências negativas

Vozes críticas à globalização neoliberal assumiram dimensões de enxurrada. Já não há como acompanhar a edição de toda a literatura que a analisa criticamente, e, a cada momento, ocorrem demonstrações, como a colocação de braceletes, simbolizando protesto, no pulso dos milhares de participantes do Dia da Igreja, em Hannover; como os *shows* de artistas renomados em todas as capitais dos países que integram o G8 e que reuniram mais de 1 milhão de pessoas, além de serem assistidos por mais de 2 bilhões de telespectadores; como as manifestações gigantescas que já estão sendo organizadas, em toda a Europa, para o protesto em Heiligendamm, norte da Alemanha, onde se realizará o próximo encontro do G8, em junho deste ano. Seminários, fóruns, conferências de todos os tipos não se cansam de emitir alertas e propor alternativas. Alguns pequenos exemplos: no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, Mumbai e Nairobi se reuniram centenas de milhares de pessoas para debater, apontar os problemas, resistir e buscar saídas; a rede ATTAC, contrária à globalização neoliberal, estende-se pelos cinco continentes; as Igrejas promovem debates sobre as conseqüências desumanizadoras da globalização neoliberal e se engajam pelos direitos das pessoas que são excluídas pela dinâmica do mercado. Constatam que a economia neoliberal despreza os direitos humanos, desconhece os valores comunitários, ignora a cultura de comunidades nativas e destrói as riquezas ambientais em função da obsessão por um conceito de desenvolvimento baseado no crescimento acelerado e no lucro. Além disso, afirmam as vozes críticas, a prática neoliberal fere a convivência e as decisões democráticas, pois, onde se colocam todas as decisões na mão do mercado, afirmam, não sobra lugar para decisões democráticas. Por isso, Erhard Eppler, ex-ministro do desenvolvimento e formador de opinião dentro do Partido da Social Democracia alemã, conclui: “Desgraçadamente, sobra

pouco lugar para decisões políticas”.² “Desmontar o Estado, que o neoliberalismo quer enxuto, é desmontá-lo em prejuízo dos pobres e em favor dos ricos”, afirma Horst Afheldt³. “Quando se permite que o mercado tome as decisões, tanto faz qual o partido que promove as reformas.”⁴ “Vivemos uma era glacial na economia mundial, onde se pensa somente no lucro e se esquece a solidariedade”, afirma Leonardo Boff⁵. “A competição entre as pessoas e os povos tornou-se uma luta entre a vida e a morte” (ecologista da Índia, Vandana Shiva, homenageada com o Prêmio Nobel da Paz Alternativo, no Fórum Social Mundial em Mumbai). “Na verdade, as promessas grandiloqüentes dos neoliberais, de que o livre mercado criaria o equilíbrio social, não puderam ser cumpridas” (ATTAC). “Nunca, nem mesmo nos tempos das colônias, houve uma tão grande extração de riquezas do Sul para o Norte do mundo, como a que acontece hoje. O agronegócio, a privatização dos serviços públicos e o controle da biodiversidade são as novas fronteiras da acumulação capitalista que não se interessa pelo social e destrói o meio ambiente”, diz François Houtart⁶. “O lado reverso da globalização, com a sua competição universalizada, acelera a garimpagem da natureza e corrói os bens culturais dos povos em várias partes do mundo”, admite a chanceler alemã Angela Merkel⁷. “A globalização parece reduzir radicalmente o campo de ação dos estados nacionais, porque atores privados assumem mais e mais as grandes decisões”, conforme Wolfgang Wagner⁸. Na opinião de Jean Ziegler,

[...] o neoliberalismo é uma loucura com método e com ideologia. Quer que todas as forças normativas da sociedade desapareçam em favor do mercado. Apossa-se dos recursos naturais e instrumentaliza as pessoas. O mercado financeiro faz girar bilhões de dólares selvagens pelo globo, especulando onde possam ser multiplicados mais rapidamente. Trata-se de uma refeudalização da sociedade, em dimensões nunca vistas, não por senhores poderosos próximos e visíveis, como no feudalismo do passado, mas por estruturas

2 EPPLER, Erhard. **Zeitzeichen – Evangelische Kommentare für Religion und Gesellschaft**, Stuttgart, 5. Jan. 2004.

3 AFHELDT, Horst. **Wirtschaft, die arm macht: Vom Sozialstaat zur gespaltenen Gesellschaft**. München: Verlag Antje Kunstmann, 2003. p. 163.

4 EDITORIAL. **Die Zeit**, Hamburg, 11. März 2004.

5 BOFF, Leonardo. **Publik-Forum**, Oberursel, 8. März 2004.

6 François Houtart, no Segundo Fórum da Teologia da Libertação, em Nairobi, realizado sob o tema “Espiritualidade para outro mundo possível”, 2007.

7 Angela Merkel, em discurso, em Bruxelas, falando em nome da União Européia.

8 Wolfgang Wagner, da Academia Evangélica Bad Boll, justificando a realização de um seminário sobre o tema.

anônimas e distantes. Teoria e prática neoliberais destroem estruturas e culturas, principalmente nos países em desenvolvimento.⁹

“O conceito neoliberal de desenvolvimento assemelha-se à teoria do cavalo e do pardal. Leva-se mais e mais comida ao cavalo gordo, para que o pardal tenha mais estrume para ciscar.”¹⁰

Na sua assembléia geral, em Harare, em 1998, o Conselho Mundial de Igrejas impôs-se uma pergunta e uma tarefa: “Como podemos viver a nossa fé no contexto da globalização neoliberal?”. Ao mesmo tempo, convocou as igrejas filiadas a desenvolverem alternativas ao sistema econômico vigente. Com isso, criou um processo sob o *slogan* AGAPE, a palavra grega para amor, em que as cinco letras são as iniciais do nome do programa: **A**lternative **G**lobalisation **A**dressing **P**eople and **E**arth. Em parceria com a Federação Luterana Mundial, a Aliança das Igrejas Reformadas e a Conferência das Igrejas da Europa, o sistema econômico atual foi amplamente analisado, em mais de 20 conferências, nos cinco continentes. As conclusões, resumidas no caderninho “Wirtschaft(en) im Dienste des Lebens”, foram, então, apresentadas na Assembléia Geral realizada em Porto Alegre, em janeiro de 2006. O Processo AGAPE vê-se colocado diante de duplo desafio: 1) resistir a um sistema econômico que gera um fosso cada vez mais largo entre ricos e pobres, cria a miséria de milhões de pessoas e promove a destruição da natureza; 2) desenvolver alternativas de desenvolvimento sustentável.

O governo de George W. Bush decidiu-se por uma economia radicalmente neoliberal. Dela faz parte a redução de impostos. Menos impostos significa menos Estado. Assim, foram realizadas quatro reformas tributárias. “É somente o início”, afirma Grover Norquist, presidente de “Americanos pela Reforma Tributária”, um poderoso grupo de lobistas. “Precisamos de mais outras quatro reformas e, então, seremos todos mais felizes”, conclui Norquist¹¹. De fato, o governo republicano de Bush realizou quatro reduções tributárias gigantescas. No estado enxuto, cada indivíduo deverá cuidar, ele próprio, da sua vida. Essas reformas tributárias beneficiaram principalmente os 20% de americanos mais ricos. Em contrapartida, em torno de 45 milhões de norte-americanos já não fazem parte de nenhum sistema previdenciário, conforme Katja Gloger, na mesma reportagem da revista

9 ZIEGLER, Jean. **A tempo**. Urach: Verlag Freies Geistesleben, Okt. 2006. p. 3.

10 Wolfgang Kessler, redator de **Publik-Forum**, em palestra proferida em Schwäbisch Hall.

11 REVISTA STERN. n. 46, p. 74, 2004.

Stern. Joseph Stiglitz, economista homenageado com o Prêmio Nobel, afirma que Bush procedeu as reformas em benefício daquela camada social que já usufrui de situação financeira privilegiada¹². Temos aí um exemplo de como a economia neoliberal beneficia os mais fortes e abre mais o fosso social, conforme também demonstra uma série de levantamentos estatísticos que arrolam os nomes dos novos bilionários. As estatísticas mostram que o número dos bilionários aumenta à medida que aumenta o número dos perdedores desse sistema econômico. Assim, o diário *Haller Tagblatt* mancha: “Entre o número crescente dos super-ricos, Bill Gates, com seus 50 bilhões de dólares, permanece em primeiro lugar. Juntas, as 793 pessoas mais ricas possuem a soma fantástica de 2,16 trilhões de euros”.¹³

Onde se delega as decisões à dinâmica de concorrência do mercado neoliberal, podemos acrescentar, promove-se um retrocesso do desenvolvimento da humanidade e sacrifica-se as suas mais caras conquistas culturais:

- a proteção ao trabalho, porque as leis do mercado querem a flexibilização das leis trabalhistas;
- os direitos humanos, porque o mercado percebe o ser humano apenas como instrumento da produção e do consumo;
- a proteção do meio-ambiente, porque o mercado enxerga a natureza apenas como fonte de matéria prima;
- a democracia, porque as corporações transnacionais desprezam os limites e as leis nacionais, crescem em poder e jogam os políticos dos diferentes estados uns contra os outros (guerra fiscal), além de exercerem pressão sobre os governos dos países em desenvolvimento para que cedam aos seus interesses;
- a solidariedade, “a maior de todas as conquistas” (Olívio Dutra, em seu discurso de posse como governador eleito do Rio Grande do Sul), porque a concorrência louva o forte e despreza o fraco, marginaliza-o, exclui-o e leva-o à morte. Assim, o forte colhe o lucro, vive o desperdício, expõe o luxo (muito bem exemplificado no desfile de vaidades em Davos), e sobra para o fraco o prejuízo, a fome, o lixo, a morte.

Por outro lado, os grandes detentores do capital esquecem a sua ideologia de mercado e, então sim, recorrem ao Estado que pretendem enxuto

12 REVISTA STERN. n. 46, p. 68, 2004.

13 HALLER TAGBLATT. p. 15, 11. März 2006.

quando querem instalar as suas empresas nos países em desenvolvimento. Assim, o Estado do Rio Grande do Sul, na época do governador de orientação neoliberal, Antônio Brito, fez contrato com a FORD, que exigia do Estado investimentos altíssimos em infra-estrutura e redução de impostos para a construção de uma fábrica. O sucessor de Brito, Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores, decidiu reavaliar e renegociar o contrato, com vistas a investimentos nas matrizes econômicas tradicionais do Estado. Prontamente, o Governo do Estado da Bahia ofereceu à FORD o cumprimento de todos os itens do contrato e recebeu a fábrica. Olívio Dutra colheu calúnias astronômicas e não foi reeleito.

5 - Nossa fé e o contexto da globalização neoliberal

Em sua palestra, na Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial, em Winnipeg, Margot Kässmann inicia perguntando se nós temos, como cristãos e como Igreja, uma contribuição específica para curar as feridas do mundo. Ela mesma responde e lembra a comunhão, como símbolo de Igreja. Desde que Jesus perambulou pela Palestina e repartiu o pão – continua ela –, a comunhão faz parte da definição do seguimento a Jesus, e comunhão – prossegue – significa repartir. A Santa Ceia nos chama para uma mesa, que repartimos como *Communio Sanctorum* – conclui.

Margot Kässmann entende a **comunhão** e usa a expressão **repartir o pão** em sentido bem amplo, e nós podemos continuar a reflexão da bispa de Hannover e acrescentar que Jesus nos ensinou a rezar **Pai Nosso** e não **pai meu**; o **Pão Nosso** e não o **meu pão** de cada dia me dá hoje. Quando rezamos o Pai-Nosso, entendemos a nós mesmos e a todas as pessoas como herdeiros coletivos das riquezas de Deus e não concorrentes ou inimigos e, por isso, pedimos em comunidade pelo pão comunitário. Como comunidade que pronuncia as preces do Pai-Nosso, somos constrangidos ao engajamento pela divisão do pão, o que significa uma crítica implícita à concorrência neoliberal de todos contra todos, que exclui, inevitavelmente, os mais fracos. “Onde entregamos a economia às suas próprias leis, o discurso da solidariedade não terá chance de concretizar-se e passará a ser apenas ética de boas intenções”, já dizia Max Weber.

Sim – poderíamos continuar a fala de Kässmann – temos uma contribuição específica a dar, como seguidores de Jesus, porque aprendemos com Ele que todos ficarão saciados, e até mesmo sobrarão 12 cestos para as 12 tribos de Israel (para toda a humanidade) quando começamos a repartir. Há

riquezas suficientes para todos. Nossa tarefa, disse alguém, não é lamentar a carência, mas administrar a fartura e corrigir o desperdício. Somos convidados a começar com a divisão. A divisão das riquezas na sua origem. A divisão já no acesso às riquezas que o Criador depositou na terra para todos; a divisão já no ato da geração das riquezas, criadas pela inteligência e pelos braços humanos, porque a divisão é muito difícil, depois que a riqueza já está concentrada. Uma vez concentrada no bolso, na caderneta de poupança ou na bolsa de valores, fica difícil reparti-la. Por isso, é preciso dividi-la na geração, na origem, através de leis elaboradas e controladas pelo Estado democrático. Podemos ampliar a antiga sabedoria de que se deve ensinar a pescar em vez de dar o peixe, para dizer: dê o peixe a quem não tem condições de pescar, ensine a pescar a quem ainda não aprendeu, mas, sobretudo, organize as pessoas coletivamente para que encontrem acesso ao rio, cujas margens estão ocupadas por poucos. Ou, como disse o presidente Lula em um dos seus discursos de improviso e cheios de paixão, portanto sinceros: “A divisão deverá ser a alavanca do desenvolvimento e não somente a sua conseqüência”, ao contrário do que pensavam os ditadores militares, quando afirmavam que o bolo deveria, primeiro, crescer, para ser, depois, repartido.

Como seguidores de Jesus Cristo, que

- rezou, mas também protestou;
- foi atencioso com os pobres e os ajudou;
- teve compreensão para com os perdidos e para quem ficou para trás;
- procurou os incompetentes e os integrou na convivência social;
- mais amou os que tinham perdido a sua dignidade;
- mais apoiou os que não tinham forças ou inteligência para competir;
- nos ensinou a repartir;
- nos falou que somos irmãos e irmãs;
- nos garantiu o amor de Deus Pai, sem condicioná-lo aos nossos méritos e às nossas capacidades de competir, produzir, comprar e consumir,

somos obrigados a levantar muitas perguntas críticas aos promotores da globalização neoliberal.

6 - O conhecimento decisivo

Disse alguém que o conhecimento separado do engajamento gera somente palavras, e que as palavras, quando não nascem da disposição para agir, não passam de hipocrisia. Entrementes, temos amplo conhecimento sobre a globalização neoliberal. Às vezes, temos a impressão de que todos os conhecimentos que podemos ter sobre esse tema já foram escritos e falados mais de uma vez. Como seguidores de Jesus, temos um conhecimento fundamental, que quer determinar todos os nossos demais conhecimentos, e que é o conhecimento que vem da fé. É o conhecimento, a experiência, a confiança como fruto da fé. E ela nos liberta. Em tal medida nos liberta que nos ajuda a ver a globalização neoliberal com os olhos dos perdedores, também quando nós mesmos não estamos entre os perdedores. Essa liberdade nos é dada quando confiamos no amor que Deus nos tem. A confiança de que somos amados, cuidados, amparados, liberta-nos da necessidade incessante de reunir todas as nossas forças para cuidarmos nós mesmos de nós. Teremos as mãos e os pensamentos livres para voltar a nossa atenção ao outro, à outra. Já não seremos como o pião, aquele brinquedo que sabe parar em pé somente enquanto girar em torno de si mesmo. Libertos de nós mesmos, teremos a capacidade de parar, olhar, ir ao encontro; de nos colocarmos ao lado dos mais fracos, para promover um desenvolvimento que os inclua; de apoiar os perdedores da globalização neoliberal na sua organização, para que se fortaleçam na luta pelos seus direitos de vida digna. Teremos forças de resistir ao modelo que atropela os mais fracos e empobrece ainda mais a quem já foi empobrecido; de procurar alternativas comunitárias e sustentáveis de desenvolvimento. Assim também entendi o tema da Assembleia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, em Porto Alegre: “Deus, em tua graça transforma o mundo”. Uma oração que não pede que Deus faça acontecer, mas pede pela Sua graça, para que ela nos liberte, e nós possamos, então, atuar na transformação do mundo, intermediando o Seu amor. Se tivermos a força política para influenciar as ações do Estado democrático, a nossa atuação será mais abrangente.

Referências

- AFHELDT, Horst. **Wirtschaft, die arm macht:** Vom Sozialstaat zur gespaltenen Gesellschaft. München: Verlag Antje Kunstmann, 2003.
- ATTAC. **ABC der Globalisierung.** Hamburg: VSA-Verlag, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Publik-Forum,** Oberursel, 8. März 2004.

- BUCHHOLZ, Christine; KIPPING, Katja. **G8-Gipfel der Ungerechtigkeit**. Hamburg: VSA-Verlag, 2006.
- EDITORIAL. **Die Zeit**, Hamburg, 11. März 2004.
- EPPLER, Erhard. **Auslaufmodell Staat?**. Frankfurt a.M.: Ed. Suhrkamp, 2005.
- _____. **Zeitzeichen – Evangelische Kommentare für Religion und Gesellschaft**, Stuttgart, 5. Jan. 2004.
- HALLER TAGBLATT. p. 15, 11. März 2006.
- HÜBNER, Jörg. **Globalisierung**: Herausforderung für Kirche und Theologie. [S.l.]: Verlag W. Kohlhammer, 2003.
- ÖKUMENISCHER RAT DER KIRCHEN. **Alternative Globalisierung im Dienst von Menschen und Erde – AGAPE**. [S.l.]: Kairós Europa, 2004. (Wirtschaften im Dienste des Lebens).
- RADEMACHER, Franz Josef. **Balance oder Zerstörung**: Ökosoziales Forum Europa. Wien: [s.n.], 2004.
- REVISTA STERN. n. 46, p. 68-74, 2004.
- RIVOLI, Pietra. **The Travels of a T-Shirt in the Global Economy**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2005.
- ZIEGLER, Jean. **A tempo**. Urach: Verlag Freies Geistesleben, Okt. 2006.